

DERROTA E SIMULAÇÃO. OS ÍNDIOS E A CONQUISTA DA AMÉRICA

Héctor Hernán Bruit

(Centro de Memória — UNICAMP)
(Depto. de História — UNICAMP)

1 - *Quinhentos anos de debate*

O aspecto mais chocante da conquista hispânica da América foi o massacre do índio. Nenhum cronista do século XVI deixou de admitir esse fato e entre eles frei Bartolomé de Las Casas foi o que maior ênfase deu a esse processo.

O quinto centenário da descoberta em 1992 deverá desencadear um renovado debate em torno dessa figura controversa, defensor incondicional dos índios e acusador implacável dos conquistadores; um homem que nunca esteve no cume do poder, mas exerceu uma influência dramática e decisiva no âmago do poder imperial espanhol.

Entretanto, não é apenas a defesa dos índios que dá atualidade ao pensamento de Las Casas, mas também os princípios que formulou para fundar essa defesa: "todas as nações do mundo são homens", "todos os homens são livres" independente do grau de civilização, religião e raça; o que equivale a colocar os princípios que, muitos séculos depois, serão o fundamento da convivência entre as nações modernas.

Revisor da filosofia aristotélica e profundo conhecedor da filosofia tomista, sua ação em prol dos índios influenciou os teólogos e juristas de Salamanca para superar as linhas gerais do pensamento medieval.

Na enorme bibliografia sobre Las Casas chama a atenção o ângulo dos enfoques: todos na perspectiva da Espanha; daí a importância dada ao tema predileto do dominicano, isto é, a crueldade dos conquistadores, a destruição das Índias, a condenação da Espanha¹.

Os lascasianos mais célebres, os prós e os contras, não conseguiram sair dessa perspectiva, de tal forma que o debate sobre Las Casas e a conquista da América leva sempre ao confronto entre a "lenda negra" e a "lenda dourada".

Entretanto, é possível ler o discurso lascasiano e, em geral, o discurso histórico da conquista, do ângulo americano e interpretá-lo não apenas dentro do contexto do século XVI, mas também na perspectiva da história global da América².

1. Para uma bibliografia sobre Las Casas, ver L. Hanke e M. Gimenez Fernández: *Bartolomé de Las Casas, 1474-1566, bibliografía crítica y cuerpo de materiales para el estudio de su vida, escritos, actuación y polémicas que suscitaron durante cuatro siglos* — Santiago, Chile, Fondo José Toribio Medina, 1954.

2. Juan Friede, *Las Casas y el movimiento indigenista en España y América en la primera mitad del siglo XVI in Rev. de Historia de América*, México, 34, 1952.

A escolha do pensamento de Las Casas não é arbitrária. Ao contrário ela mostra que é possível resgatar através desse pensamento outros temas que apontam para uma renovação historiográfica da conquista e que os historiadores clássicos como Hanke, Carbia, Gimenez Fernandez, Bataillon, Zavala, O'Gorman, Menéndez Pidal, não deram nenhuma importância. Por exemplo, a idéia e imagem que o frade elaborou sobre os índios e o que essa imagem significou em termos da visão que o latino-americano tem da história do continente. Segundo, um tema que até agora permaneceu inédito, embora explicitado pelo próprio Las Casas, e que denominamos de *simulação dos vencidos*.

2 - A destruição e o servilismo dos índios

Não há um escrito de Las Casas que não diga algo relativo à destruição da América e à violência dos conquistadores. A *brevíssima relação de destruição das Índias*, seu livro mais famoso, é um tratado sobre a brutalidade humana e em todas as suas páginas o sofrimento e o sangue escorregam a borbotões. Para o frade, a violência dos conquistadores tinha a finalidade de fazer com que os índios perdessem a noção de que eram seres humanos para exercer sobre eles a dominação total³.

Os suicídios coletivos, os abortos praticados pelas mulheres índias, mencionados por Las Casas circunstancialmente (*História das Índias*) são sempre atribuídos ao medo-pânico que os índios tinham do espanhol. Às vezes, o dominicano faz menção às doenças que dizimaram as populações e que os historiadores assinalam como a causa principal da catástrofe demográfica da América⁴.

Essa imagem da destruição e da violência está irremediavelmente associada a uma visão derrotista da América que se perfila como componente de uma historio-

grafia que tem privilegiado muito mais o primeiro termo da relação conquistadores/conquistados.

Nesse sentido, a obra de Las Casas exerceu uma influência notável entre historiadores, ensaístas e romancistas do continente. Vale apenas um exemplo significativo do que afirmamos: *As veias abertas da América Latina* de Galeano não é mais que a reedição (em sentido figurado), quatrocentos anos depois, da *Brevíssima relação*...

Encoberta pela destruição e o genocídio, os dois temas prediletos do discurso lascasiano desenvolvem a idéia de que a conquista deu-se sobre povos pusilânimes, covardes, de antemão destinados à derrota.

A fraqueza dos índios tem uma dimensão descomunal na interpretação lascasiana e é tão manifesta que os conquistadores se servem dela para manter os índios "ocupados em chorar e gemer suas calamidades" de tal forma que "não tenham tempo nem coração para pensar em liberdade".

Os adjetivos para qualificar os índios são sempre os mesmos: "inocentes", "bondosos", "humildes", "pacíficos e obedientes". Las Casas transmite-nos a imagem servil do índio, conformado com a derrota humilhante, renunciando voluntariamente a sua existência cultural e assumindo devotamente o sacrifício do bom cristão⁵.



Não se pode negar que na História das Índias e na Apologética História dedicou páginas de admiração pelas habilidades e inteligência dos povos americanos; também não se omitiu de dedicar alguns parágrafos para assinalar a valentia dos indígenas, mas a guerra destes é desqualificada não só pela inferioridade das armas, mas também pela debilidade dos guefereiros

Não obstante, foi a imagem negativa sobre os índios a que prevaleceu finalmente. Essa imagem é tão forte, tão obsessivamente elaborada, procurando sempre convencer que na América se praticava um horrível genocídio, que o bispo chega a colocar os índios nos extremos da humilhação numa passagem estonteante da *História das Índias*: "os cães já não esquarterjam os índios, os urinañ"

O símbolo da entrega voluntária ao conquistador foi dona Marina, a *Malinche*, amante e intérprete de Cortez, mas o *malinchismo* como recusa aos traidores e lacaios do conquistador exprime também uma situação não-resolvida pelo latino-americano: se por um lado não pode escapar da herança genética e cultural da raça vencida, nega-se a reconhecê-la no nível da consciência.

Las Casas não só legou à posteridade a imagem de um continente sangrado, explorado, pisoteado e estuprado pela ação e o desejo dos conquistadores, que impõem sua vontade e seu projeto sem encontrar obstáculos, mas também a idéia de um povo com vocação de escravo, que aperta os dentes e sente o gozo masoquista da dominação total. Neste sentido, é o primeiro pensador da América a levantar a questão que, por quinhentos anos, martela nossas

consciências: Qual é nossa vocação revolucionária?

A imagem lascasiana de um povo servil e anódino impera vigorosa e inalterada até nossos dias, amarrada firmemente à idéia de uma história feita de cabo a rabo pelos conquistadores de antanho e ogano.

Não é simples coincidência que a teoria do imperialismo tenha sido usada pelo latino-americano como um *Deus ex machina* da história do continente. Tudo dependia desse Deus, o progresso e o atraso, a democracia e a ditadura, a riqueza e a pobreza. Como em Las Casas, a história não pertence ao latino-americano, ele não a fez, não a decide: "sua" história é a história do "outro", a história do forasteiro, a saga dos conquistadores.

Mas, o surpreendente na história da conquista e apesar da destruição e do genocídio é que os índios sobreviveram física e culturalmente e a presença deles, de algum modo marcante em quase todas as sociedades do continente, é um fato em face do qual não se pode fechar os olhos.

Essa sobrevivência não desmente o massacre, nem dá razão aos conquistadores. Em nossa opinião, esse fato, que constitui uma das maiores façanhas da humanidade, permite colocar o significado da conquista por seu reverso.

3 - A dança da conquista

Num texto teatral redigido por um índio anônimo de Chayanta em 1871, os atores, todos índios, alguns vestidos como no século XVI e outros como conquistadores, de rostos rosados e barbas loiras, encenam

3. Las Casas — *Historia de las Indias*, México, F.C.E., 1981, vol. 2, L. II, pp. 207 e 233.

4. *Ibidem*, vol. 2, L. II, pp. 250-251; 336-337; vol. 2, LIII, p. 478.

5. Veja por exemplo a *Brevíssima relação...*, Porto Alegre, L & PM, 1985, p. 27; *Historia de las Indias*, *op. cit.*, vol. 2, L. II, p. 206.

6. *Historia de las Indias*, *op. cit.*, vol. 2, L. III, p. 329.

7. *Ibidem*, vol. 2, L. II, p. 389.

os fatos da conquista. Atahualpa, Huascar, os Pizarros e Almagro são revividos; as armas, os estandartes e as guerras são encenadas e o povo todo é transportado ao século XVI pelo fascínio do teatro e de uma lembrança imperecedoura.

O extraordinário nestas obras teatrais do folclore indígena, que no México e Guatemala são conhecidas com o nome de *dança das plumas*, é a modificação do final da história: Atahualpa não morre choramingando e conformado, senão amaldiçoando os conquistadores; o povo jura vingança, e o rei da Espanha condena à morte Pizarro pelo assassinato do inca.

Na dança das penas, no México, o povo delira quando Cortés se ajoelha e pede perdão a Montezuma logo após ser derrotado.

Trauma e compensação psicológicos. O trauma provocado pela destruição, o massacre, a desapareção da família, o sentimento de solidão, a castração do deus Sol, o abandono do pai, a extirpação da idolatria. A compensação viria, quatrocentos anos depois, com a inversão da história. Nathan Wachtel escreveu com razão: "Sem que seja necessário entrar no detalhe das explicações psicanalíticas, esse trabalho de reconstrução do passado aparece como uma compensação, ou como uma reação ao traumatismo da conquista"⁸.

Sem lugar a dúvidas, a conquista provocou nos índios um medo-pânico e um trauma psicológico de proporções desconhecidas. Os textos astecas, especialmente os transcritos em língua Náhuatl pelo franciscano Bernardino de Sahagún, provam suficientemente esse fenômeno.

Las Casas deixou páginas dramáticas sobre as profundas alterações no comportamento individual e social dos indígenas. Entre elas aponta o desejo de vingança, a falta de interesse pelas coisas da fé, o pouco ou nenhum esforço para aprender e fazer aquilo a que são obrigados pelo novos

amos, uma atitude socarrona para com a prédica, enfim, um comportamento sórdido que o frade deixa em surdina, embora seu livro *Del único modo de atraír a todos los pueblos a la verdadera religión* fosse um alerta nesse sentido⁹.

4 - A simulação dos vencidos

O índio não era tão pacífico, obediente e desenganado como o pintou Las Casas. Na realidade, a destruição e o assassinato foram produto, entre outras causas bastante conhecidas, de uma relação de guerra que se desenvolve porque existem combatentes dum lado e do outro. O conquistador mata porque o índio opôs diversas formas de resistência a começar pela militar até as sub-reptícias como a ruptura da comunicação verbal.

Foi, justamente, o processo da resistência não-militar que Las Casas não viu (a historiografia moderna sobre o tema também não) ou, talvez, não quis reconhecer para não dar argumentos a seus inimigos que interpretavam as atitudes dos índios como prova de irracionalidade. Os qualificativos de Oviedo e Sepúlveda tais como: "só respeitam a verdade quando lhes é favorável"; "são brutais"; "gostam de exagerar seus defeitos", "não querem mudar seus costumes", "são mentirosos e covardes" etc, arranhavam uma realidade que começava a se configurar.

Todavia, é importante assinalar agora que todas as grandes crônicas etnológicas do mundo pré-colombiano como a Apologética História de Las Casas, a História general de Sahagún, a Nueva cronica de Felipe Guaman Poma de Ayala, a Suma y Narración de los incas de Betanzo, El señorío de los incas de Cieza de León, comentam o rigor com que se castigavam a bebedeira, a mentira, a desobediência, o roubo. A admiração é unânime quando comentam a justiça das leis e o bom governo dos índios.

Em 1503, a rainha Isabel ordenava ao governador da Espanha que obrigasse os índios a falar. Os índios se calam e este foi o primeiro sinal de uma resistência solapada.

Em relação a isso, é pertinente a teoria de Tzvetan Todorov, que podemos chamar de tese do silêncio. O silêncio foi do índio frente aos conquistadores e surge como consequência da inadequação do sistema simbólico dos índios que leva a uma ruptura da comunicação⁸.

Sem entrar no mérito da argumentação deste autor, que quer explicar a derrota dos impérios indígenas pelo embate de dois sistemas simbólicos desiguais — o indígena privilegiando os objetos, o hispânico privilegiando as pessoas — o silêncio, que continua sendo até agora a marca inconfundível do índio, conteve a manipulação ideológica na medida em que o discurso do conquistador só podia ter efeito e significado quando referido ao discurso do índio.

Ora, o silêncio como oposto à linguagem formal da consciência é a via de expressão do inconsciente, lugar onde se refugiou o desastre da conquista na forma de um trauma doloroso demais que os obrigou a esconder o que tinham sido e os levou a ser o que nunca foram, isto é, mentirosos, bêbados, ladrões etc. Era uma forma de evadir-se de um mundo que já não tinha sentido. Era o caminho da degradação do abandono total, da sordidez, enfim a desaparecimento final, física e cultural.

Entretanto, os cronistas se referem a uma outra situação insólita para eles e que os corregedores denunciavam como a impossibilidade de compreender os atos dos indígenas. É a isto que denominamos simulação, um mecanismo de defesa que encobria o rancor pela destruição e o desejo de perpetuar as tradições, pelas

quais tinham sido massacrados, mas descobria, aos olhos dos conquistadores, uma fingida boa vontade de aceitar a submissão. Encobrimento e descobrimento eram como um jogo de trocas simbólicas entre os índios aproveitando a ignorância dos conquistadores, em que ora se privilegiava o significado quando convinha — foi o caso de se vestir como os espanhóis — ora, se privilegiavam os significantes, como foi o caso do uso do copal para incenso nas igrejas mas que remetia a representações do passado pré-hispânico.

Essas duas situações, ambivalentes, refletiam uma oculta resistência à nova sociedade. No primeiro caso, ela é atingida em cheio pela degradação da força de trabalho fundamental; no segundo a nova sociedade é ludibriada politicamente. Numa certa medida não houve correspondência entre os sinais de comando e organização e os sinais de obediência e aceitação.

As falas dos índios, quando eram obrigados, eram sempre metafóricas e de sentido figurado e isso confundia os conquistadores. Por exemplo, um índio foi perguntado se era cristão, ele respondeu: "si senhor, eu já sou pouquinho cristão, porque eu sé um pouquinho mentir; amanhã eu saber muito mentir e serei muito cristão".

Las Casas foi confundido por essas atitudes e se esforça para demonstrar que elas não são provas de irracionalidade. Mas, como podia explicar que os índios não sendo covardes não fizessem nenhum tipo de resistência? Como podiam conciliar o apego a seus ídolos religiosos e, ao mesmo tempo, estar preparados espiritualmente para aceitar a fé cristã? Se eram tão obedientes, por que abandonavam o trabalho?

Las Casas não convence quando quer demonstrar que os índios não eram covar-

8. *Los Vencidos: los indios del Perú frente a la conquista española 1530-1570*, Madri, Alianza Ed., 1976, p. 92.

9. Sobre o comportamento sórdido ver também *Apologética Historia*, B.A.E., Madri, 1958, cap. CCXIII, p. 269.

10. *A conquista da América. A questão do outro*, São Paulo, Martins Fontes, 1988.

des, mentirosos, vingativos e preguiçosos, mas é argumentando sobre isto, que deixa deslizar a idéia da simulação dos vencidos. Os índios mentem ao conquistador para confundi-lo e para defenderem-se; simulam obediência, ingenuidade e passividade.

“Das mentiras que os índios aos espanhóis diziam e hoje dizem, onde ainda não os têm devastados, os vexames e servidão horrível e cruel tirania com que os atormentam e maltratam, são a causa, porque de outra maneira, senão mentindo e fingindo, para contentá-los e aplacar seu contínuo e implacável furor, não podem de mil outras angústias e dores e maus-tratos escapar-se.”

E logo arremata: “destas e de muitas outras sentenças ditas pelos índios, para confusão dos espanhóis”¹¹.

Seu livro principal, *História das Índias*, está cheio de textos, como o anterior, frases explícitas, insinuações, muitas vezes encobertos pelos temas preferidos do dominicano. Às vezes, ele enfrenta a questão de saber se a passividade e obediência dos índios eram produto do medo ou simplesmente um ato fingido, mas sem ser totalmente enfático acaba concluindo que era por fingimento, para especular — como ele mesmo escreve — os costumes dos espanhóis e tirar proveito dessa situação¹².

Vejamos como os índios especulavam os gostos e desejos dos conquistadores, segundo o próprio Las Casas:

“E é aqui de notar que como os índios de todas aquelas províncias compreenderam que o ouro soava saboroso aos ouvidos dos espanhóis, e que todo seu fim e negócio era saber onde havia ouro, e onde se tirava ouro e quem possuía ouro, os índios usavam com eles desta indústria para lhes agradar e suspender suas crueldades ou para se livrar deles, a saber: fingir que em tais e quais partes havia imensidade de ouro e que encontrariam as serras e montes todos dourados”¹³.

Com efeito, quando os índios descobriram o delírio dos espanhóis pelo ouro, passaram a inventar montes, vales e lagoas cheios de ouro. O episódio mais antológico, em relação a isto, talvez tenha sido a fundação de Castilla del Oro, no Darién, por Nuñez de Balboa. A cidade foi batizada com esse deslumbrante nome depois que os índios informaram que por ali existia um rio onde se “pescava o ouro com redes”. A notícia explodiu o imaginário dos conquistadores, e os procuradores de Balboa correram a contar ao rei e toda Espanha se agitou procurando redes para ir pescar o ouro na Terra Firme. De resto, os conquistadores só pescaram piranhas.

A lenda de El Dorado nasceu da mesma forma, da boca dos índios e não foi simples coincidência que o situaram em lugares inóspitos como a região dos rios Orinoco e Meta. Quanto riram os índios do conquistador Sebastian de Benalcazar que gastou sua vida procurando El Dorado sem encontrá-lo!

As relações geográficas de Índias constituem um corpo de documentos que acreditamos fundamentais para conhecer a visão que os índios tinham da sociedade colonial, seu sentir e sua forma de pensar o passado e o presente, pois trata-se de um questionário de mais de cinquenta perguntas que o rei Felipe II ordenou confeccionar e que através dos corregedores, os índios deviam responder. Entre todas as perguntas, as de número 14, 15, 17, 24 e 33, referem-se aos índios: sua história passada, costumes, religião, como faziam a guerra, como governavam etc.

A pergunta de número 15 tem um interesse todo especial. Entre outras coisas, se perguntava se antigamente viviam mais tempo e mais sadiamente que agora, e qual é a causa disto.

Os índios da província de Jauja, Peru, responderam ao corregedor Andrés de Vega, 1582, o seguinte:

“que viviam mais anos antigamente que agora, e entendem que a causa disto é que naquela época comiam e bebiam menos que agora”¹⁴.

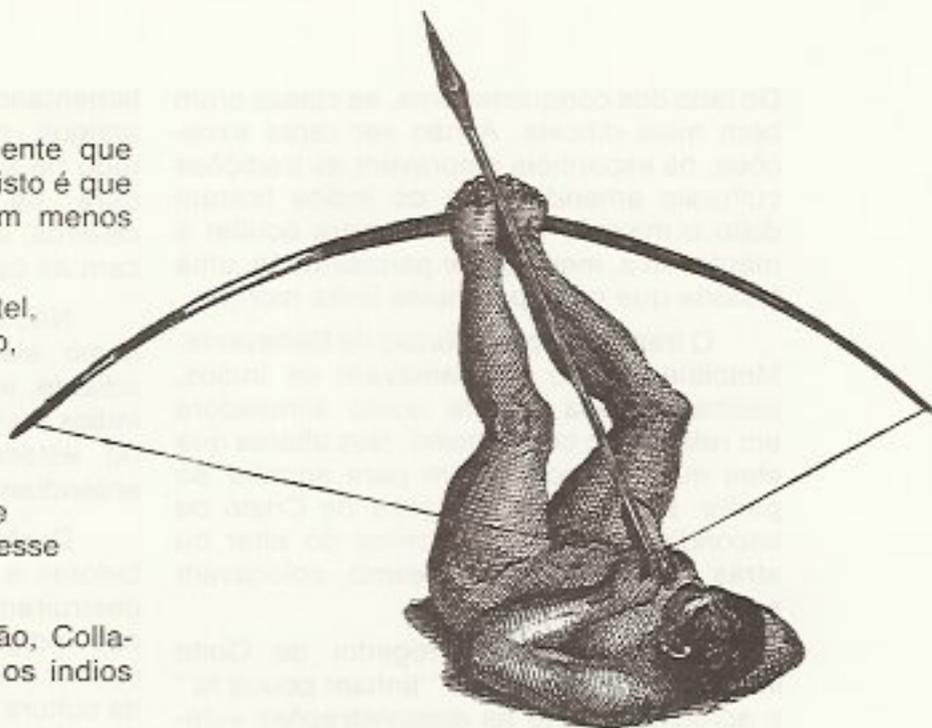
O antropólogo Nathan Wachtel, num livro justificadamente famoso, *Los vencidos*, interpretou esta resposta como uma forma de evasão dos índios de um mundo que para eles não tinha sentido, embora se coloque a questão que talvez essa resposta apenas quisesse agradar ao corregedor¹⁵.

Entretanto, numa outra região, Collaguas na jurisdição de Arequipa, os índios dão a mesma resposta:

“Viviam mais porque antigamente, dizem, todos viviam mais disciplinadamente que agora, porque não tinham tantas coisas como agora nem tinham as oportunidades que agora têm de comer e beber e outros vícios, devido ao excesso de trabalho que tinham em tempos do Inca, nem tinham vinho que é causa de viver pouco, que sendo bêbados, bebem o vinho novo da terra sem ordem e morrem agora muitos”¹⁶.

A diferença está que os índios de Jauja trabalhavam uma região fértil de produtos o que poderia justificar a resposta positiva, enquanto que os de Collaguas viviam numa região extremamente pobre, mas apesar disso deram a mesma resposta.

Isto nos leva a pensar que os índios respondem com o velado propósito de con-



fundir a autoridade, de agradá-la, desorientá-la.

Os corregedores não deixam de observar essa atitude ambigua dos índios com atos e respostas que ninguém entende. Na relação de Quito de 1573, o corregedor se vê obrigado a escrever que realmente os índios são mentirosos e noveleiros, mas em questões de comércio são diretos e astutos¹⁷.

No combate à idolatria, os conquistadores foram duplamente derrotados. Os índios logo perceberam a importância que os espanhóis davam às rezas, à cruz, a Jesus e à Virgem Maria e não foi difícil aprender os gestos de amor e respeito para esses novos ídolos e “repetir as rezas como papagaios”, segundo escreveram vários cronistas.

11. *Historia de las Indias*, op. cit., vol. 3, L. III, p. 331.

12. *Ibidem*, vol. 3, L. III, p. 52.

13. *Ibidem*, vol. 2, L. III, pp. 586 e 577.

14. *Relaciones geográficas de Indias*. Peru, Ed. Marcos Jiménez de la Espada, Madrid, B.A.E., 1965, vol. 1, p. 170.

15. *Los vencidos...*, op. cit., p. 152.

16. *Relaciones geográficas*, op. cit., vol. 1, p. 330.

17. *Ibidem*, vol. 2, p. 225.

Do lado dos conquistadores, as coisas eram bem mais difíceis. A não ser raras exceções, os espanhóis ignoravam as tradições culturais americanas e os índios tiraram disto o máximo de proveito para ocultar e manter viva, mesmo que parcialmente, uma história que nas aparências tinha morrido.

O franciscano frei Toribio de Benavente, Motolina como o chamavam os índios, assinalou essa atitude como simuladora em relação ao cristianismo. Nos altares que eles mesmos construíam para agradar ao padre, por trás das imagens de Cristo ou escondidos entre os adornos do altar ou atrás das paredes do mesmo, colocavam seus ídolos¹⁸.

Em 1573, um corregedor de Quito informava que os índios “tinham pouca fé” e acreditava “que as demonstrações exteriores são mais para agradar os religiosos, que para cumprir com suas obrigações”¹⁹.

Gonzalo Fernández de Oviedo, o cronista oficial da conquista, nos deixou um vivo relato da experiência de Pedrarias Dávila na Nicarágua quando quis provar, em 1538, por meio de um interrogatório de todos os índios batizados da região, que estes eram cristãos nos gestos, nas aparências, da boca para fora, mas no íntimo permaneciam idólatras²⁰.

O dominico frei Diego Durán, que deixou uma excelente crônica sobre os astecas, não teve dúvidas que os índios ocultavam seus ritos idólatras e superstições religiosas misturando-os com cristianismo. Segundo ele, faziam isto em todos os aspectos e circunstâncias da vida cotidiana, em cada movimento, em cada gesto, em cada palavra, em cada olhar, em suas festas, no trabalho do dia a dia, embora tudo isso com aparência cristã. O tecido da simulação é tão denso, tão impenetrável que Durán acaba admitindo que não era possível entender os índios.

Vejamos o seguinte texto de Durán:

“... nos mitotes (danças rituais), nos mercados, nos banhos e nos cantares que cantam,

lamentando seus deuses e seus senhores antigos, nas comidas e banquetes... em tudo há superstição e idolatria; na sementeira, na colheita, na armazenagem nos celeiros, até quando lavram a terra e edificam as casas...”²¹

Não é nenhum exagero de Durán, pois como ele mesmo tentará explicar mais adiante, todos os atos e pensamentos dos índios eram feitos de acordo com o calendário asteca que os conquistadores não entendiam.

Durán reprova duramente os conquistadores e em especial os sacerdotes que destruíram os monumentos, pinturas e códices indígenas, impedindo deste modo o conhecimento em profundidade das raízes da cultura asteca, o que teria permitido desmascarar o fingimento e acabar de vez com a idolatria.

Foi com essa finalidade — conhecer as raízes da cultura asteca — que Sahagun escreveu sua crônica, interrogou os índios para poder descobrir nos intrincados meandros da simulação a idolatria e superstições, pois “por falta de um saber sobre isto, eles praticam a idolatria em nossa presença sem que possamos descobri-los”²².

Uma outra prova notável da simulação dos índios é o *Chilam Balam*, isto é, os códices dos maias. Estes códices que narram a história desse povo, muitos deles escritos na época posterior à conquista, são uma inteligente mistura de cristianismo e crenças indígenas, onde o cristianismo aparece sempre em primeiro plano para furar a censura dos sacerdotes católicos. No *Chilam Balam de Chumayel*, o mais conhecido, se misturam veladas críticas ao cristianismo e à sociedade dos espanhóis, alabanças à sociedade destruída, aos antigos deuses mas também a Cristo e à Trindade.

Observemos o seguinte parágrafo:

“Somente devido ao tempo louco, pelos loucos sacerdotes, foi que entrou em nós a

tristeza, que entrou em nós o Cristianismo. Porque os muitos cristãos chegaram aqui com o verdadeiro Deus; mas isso foi o princípio de nossa miséria, o princípio do tributo, o princípio da esmola, a causa da discórdia oculta, o princípio das brigas com armas de fogo, o princípio do desprezo, o princípio dos despojos de tudo, o princípio da escravidão... Foi o princípio da obra dos espanhóis e dos padres...²³

O texto termina com um apelo a Deus, ao verdadeiro Deus, que um dia virá para fazer justiça, e por vontade desse Deus regressarão os Deuses maias Ab-Kantenale e Ix-Pucyolá, para que estes expulsem os espanhóis da superfície da terra.

Com toda razão, o antropólogo espanhol Miguel Rivera afirma que os maias para resistir “ocultaram nas rugas dos novos hábitos impostos, nos resquícios das leis alheias e nas ambigüidades das idéias cristãs sua própria forma de ser e sentir”²⁴

Escrevemos em outra parte que a resistência do índio à conquista não foi totalmente programada e consciente, pois fluía muito mais do inconsciente onde se refugiou o trauma da destruição. No entanto, essa resistência foi difusa no sentido de que não se deixava ver devido a sua própria obviedade e foi veiculada especialmente como simulação, noção que nos parece mais útil e rica que a simples e inerte noção de visão. A visão dos vencidos, transmitida especialmente pelos informan-

tes de Sahagun, mostra o trauma de um momento, o sofrimento pela violência, reforçando a imagem de um povo pusilânime e medroso, mas ao mesmo tempo, como afirma Las Casas, o medo estimulou o ato simulado que passou a ser a forma e intenção da ação social dos índios.

A relação entre o medo provocado pela violência e a simulação dos vencidos foi admitida, também, por Ginés de Sepúlveda e, especialmente, por Francisco de Vitoria que refletiu sobre essa relação para concluir que “pelas armas os bárbaros não podem ser movidos a crer, senão a fingir que crêem e que abraçam a fé cristã”²⁵

A resistência difusa dos índios se traduziu na renúncia voluntária de viver a história do outro, mas simulando vivê-la.

5 - A “melação” da nova sociedade

Falamos acima de um comportamento sórdido dos índios como produto do trauma da conquista e que Las Casas não chega a admitir explicitamente. No entanto, outras crônicas assinalam com clareza esse fato descrito como uma tendência deformante da sociedade que os conquistadores organizaram. O cronista mestiço Felipe Guaman Poma de Ayala registrou esse processo em páginas dramáticas de sua crônica publicada no início do século XVII. Para ele, o desastre da conquista deixou “o mundo às avessas”, tanto entre os índios como

18. *Historia de los indios de Nueva España*, Madrid, Alianza Ed., 1988, pp. 67-68, 72-73.

19. *Relaciones geográficas*, op. cit., vol. 2, p. 225.

20. *Historia general y natural de las Indias*, Madrid, B.A.E., 1959, vol. 4, L. XLII, pp. 364 e ss. Veja também Fr. Antonio de Remesal, *Historia general de las Indias Occidentales y particular de la gobernación de Chiapa y Guatemala*, Guatemala, Ministério da Educação, 1966, T. III, pp. 1197-1198.

21. *Historia de los indios de Nueva España e Islas de la Tierra Firme*, México, Ed. Porrúa, 1967, vol. 1, p. 6.

22. *Historia general de las cosas de Nueva España*, Madrid, Alianza Ed., 1988, vol. 1, Prólogo, p. 31.

23. *Chilam Balam de Chumayel*, Madrid, Historia 16, 1986, p. 68.

24. *Ibidem*, Introdução.

25. *Relecciones teológicas* (Edição crítica do texto latino, versão espanhola, introdução de T. Urdanoz, O.P.), Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1960. Relección primera, p. 696. Gines de Sepúlveda — *Apología* (tradução castelhana do texto latino, introdução e notas de Angel Losada), Madrid, Ed. Nacional, 1975, p. 72.

entre os espanhóis. Trata-se de uma sociedade corroida pela desordem, incúria e imoralidade, onde os espanhóis mais pobres e analfabetos passaram a chamar-se de "dom" ou "senhor"; sacerdotes que não tinham títulos e nem sabiam ler chamavam-se de doutores e licenciados; índios mitayos, yanacanas miseráveis, se transformaram em caciques e curacas e também se faziam chamar de "dom" e "senhores"²⁶.

A crônica era uma denúncia contra o mal governo do Peru; um penetrante alegado contra a corrupção que tomou conta de tudo.

O franciscano Bernardino de Sahagun, um observador perspicaz e objetivo, não se furtou de deixar para a posteridade a descrição de uma sociedade perturbada e dominada pela sordidez que se abateu sobre vencedores e vencidos. Os vícios de toda espécie, a sensualidade desenfreada, a desordem, a ingovernabilidade, não são apenas características dos índios, mas também dos espanhóis e não só dos que nascem na América que "de aspecto parecem espanhóis, mas nas condições não são", mas também dos que vêm da Espanha que "há poucos anos andados de sua chegada a esta terra se fazem outros"²⁷.

Sahagun atribui os males da sociedade hispano-índigena ao clima, mas frisando que em tempos dos astecas tudo isso não acontecia porque foram capazes de se organizar politicamente a ponto de não deixar que os vícios corroessem a sociedade, o que era uma vergonha para todos os espanhóis.

As observações de Sahagun sobre a sociedade colonial mexicana são corroboradas por Muñoz Camargo na *História de Tlaxcala* quando afirma que Cortéz deixou o México sem poder acabar com os tumores que enfermavam a sociedade²⁸.

O que Sahagun atribui ao clima, nós atribuímos a uma atitude, ao desejo dos vencidos de resistir à dominação total, correndo os alicerces da nova sociedade.

Quando se perguntava aos índios porque eram mentirosos, adúlteros, perjuros, delinqüentes, respondiam que eram por causa dos espanhóis que com suas guerras "deram tão grande vaivém a toda a terra" deixando os índios sem sua justiça, sem sua ordem, sem suas leis e liberdades, sem autoridade competente para castigar os vícios e mentiras²⁹.

Essa constatação feita por Las Casas é corroborada por Sahagun quando escreveu em sua crônica: "Se é verdade que eles demonstraram ainda mais aptidões nos tempos passados, na administração da coisa pública como no serviço de seus deuses, é porque viviam sob um regime mais condizente com suas aspirações e suas necessidades"³⁰.

A nova sociedade nascia "melada" pela atitude da esmagadora maioria, militarmente vencida mas não conquistada espiritualmente. A simulação, o silêncio, a desconfiança, os vícios de todo tipo, a preguiça, a indolência etc, foram as ferramentas usadas pelos vencidos para resistir, contribuindo, talvez sem sabê-lo, para a deformação da nova sociedade, o que Las Casas atribuía única e exclusivamente à crueldade dos conquistadores.

Muitas vezes e de forma explícita Las Casas reconhece a rebeldia indígena manifesta na recusa da fé cristã. Outras vezes acaba reconhecendo que a resistência do índio nunca seria vencida justamente porque era o resultado natural da violência do conquistador.

Essa afirmação é uma das conclusões do dominico em seu livro *Del unico modo*, escrito entre 1536 e 1537, quando já se tinha conquistado o Caribe, Centro América, México e grande parte da América do Sul.

"Porque a alma humana — escreve — se consterna com o terror; e muito mais com os tormentos, conturba-se, entristece-se, aflige-se, e, conseqüentemente, nega-se a ouvir e considerar. Os sentidos exteriores

e também o interior como a fantasia ou imaginação se conturbam; e a razão, portanto, obscurece-se; e o entendimento não percebe nem pode receber uma forma inteligível, amável ou deleitável, senão, pelo contrário, uma forma que entristece fazendo-se odiosa, pois o mesmo entendimento percebe tudo aquilo como mau e detestável como é realmente. Assim que, será esforço fútil tentar agradar, atrair e fazer benévolos, atentos e dóceis os espíritos dos homens que tais coisas tenham padecido.”

E mais ainda, a mesma razão ensina que com justos motivos serão *perpetuamente implacáveis e inexoráveis, malévolos, indóceis e renuentes para escutar qualquer coisa que pertença ao nome cristão, transformando-se nos futuros inimigos desse nome*³¹.

Notável o último parágrafo: pela primeira vez Las Casas admite, mesmo que seja como possibilidade futura, o que silenciou em todos os seus escritos, isto é, a indocilidade, a resistência, a rigidez, a malevolência, a má vontade, a recusa dos índios,

mesmo que tudo isso os tivesse levado ao massacre, mas o massacre colocou um estigma na Espanha, na Igreja e na civilização cristã-ocidental.

Quanta ironia e que jogada da história ou dos índios! Será mesmo que foi Las Casas, com seus escritos, que denegriu a Espanha perante o mundo?

Entretanto o mais importante é saber se essa postura dos índios, o ato simulado, a recusa um tanto inconsciente de viver a história feita pelos conquistadores, transcendeu os tempos como cultura e mentalidade, através da mestiçagem, e se incorporou como uma espécie de história invisível às gerações modernas. Talvez seja possível descobrir no próprio âmago da história visível, que é sempre a história dos conquistadores, uma outra, camuflada nos símbolos daquela, que corrói, deturpa e desequilibra os chamados valores políticos, econômicos e sociais do ocidente. Talvez o latino-americano, herdeiro das raças vencidas, seja um simulador, mas sem sabê-lo.

26. Nueva crónica y buen gobierno, Venezuela, Biblioteca Ayacucho, 1980, vol. 1, p. 300; vol. 2, p. 447.

27. *Historia general...*, op. cit., vol. 2, p. 629.

28. *Historia de Tlaxcala*, Madri, Historia 16, 1986, p. 245.

29. *Apologetica Historia*, Madri, B.A.E., 1958, vol. 4, p. 290.

30. *Historia general...*, op. cit., vol. 2, p. 627.

31. *Del unico modo de atrair a todos los pueblos a la verdadera religion*, México, F.C.E., 1975, p. 352.